

Educação

ÍNDIO QUER VOLTAR A SER ÍNDIO

Direitos sobre terras, assistência de ONGs e miséria fora das aldeias estimulam retorno às origens



Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma Constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material às tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação de terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

Para certas etnias, como a dos pataxós do sul da Bahia, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência.

Professor ensina a língua quinjará aos uaimiris: sem espingarda nem forró

De dia, eles se vestem de índio para vender artesanatos e tirar fotos com turistas por alguns trocados. À noite, vão para casa acompanhar a novela, para o bar tomar cerveja ou para o culto evangélico. Vestidos. Mas existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas. Os potiguaras, por exemplo, deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos. Agora, 1 500 crianças estão estudando a língua dos antepassados e uma porção de adultos também. O professor Eduardo Navarro, da Universidade de São

Paulo, autor de um método de tupi clássico, formou catorze professores para lecionar a língua nas trinta escolas das aldeias. "O tupi era o que faltava para reafirmarmos nossa identidade", diz Josafá Padilha Freire, de 30 anos, chefe do posto da Funai da reserva potiguara.

Só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de dezesseis para 47 nos últimos 25 anos. Os tuxás, também da Bahia, tornaram-se os principais professores de toré, uma dança sagrada. Grupos como os tumbalalás procuram os tuxás para tomar aulas de toré. "A sociedade e o Estado exigem dos índios uma espécie de índice mínimo de indianidade", explica o antropólogo José Maurício Aruti. Há quem veja alguns exageros nessa volta às origens. "Existem os adeptos de um fundamentalismo que busca o retorno à forma mais pura do índio brasileiro", diz José Augusto Sampaio, professor de antropologia da Universidade do Estado da Bahia. Os uaimiris-atroaris, de Roraima e do Amazonas, abdicaram de espingardas, de ouvir forró e de qualquer produto industrializado na alimentação ao se reunir novamente, em terras demarcadas, depois de um acordo de compensação com a Eletronorte, pela construção de uma usina hidrelétrica na região.

Diogo Schelp

